

A primavera de Casablanca, Said e a intolerância



Arnaldo Godoy

Livre-docente pela USP

Em cartaz em algumas salas de cinema menos americanizadas o

perturbador filme *Primavera em Casablanca*. Dirigido por Nabil Ayouch, e estrelado pela expressivamente linda Maryam Touzani (que também é autora do roteiro), o filme entrelaça cinco destinos que permitem uma refrescante leitura da expansão islâmica no norte da África. Já está entre os clássicos que definem um conceito de “oriente” com referências em premissas não essencialmente religiosas.

Um dos personagens, Ilyas, persiste no delírio onírico de que Bogart e Bergman protagonizaram *Casablanca* no Marrocos. O clássico de 1942 foi filmado em Los Angeles. A revelação dessa invenção comercial, no fim do filme, denuncia como compreendemos a cultura na ótica do que a indústria cultural nos impõe. É assunto tratado por Adorno e pelos intelectuais alemães que fugiram do nazismo para os Estados Unidos, onde mantiveram a chama da Escola de Frankfurt, assunto de um delicioso livro recentemente lançado no Brasil (*Grande Hotel Abismo*, Stuart Jeffreys, Cia. das Letras, 2018).

Primavera em Casablanca revela uma sociedade que se despedaça, por intermédio de seus habitantes, que são figuras desencontradas. Há uma forte denúncia de imposições linguísticas: o professor da aldeia deveria ensinar em árabe, para alunos que só entendiam berbere, no contexto de uma cultura que exigia o domínio do francês. Afinal, na voz de um protagonista, do que importa uma língua se a voz de seu falante lhe é proibida? Ou, de que importa a fé se nossos sonhos nos foram despedaçados também? Substancializa-se nesse filme o conceito levantino de “destino”, que nega o livre-arbítrio e que nos prende no mantra da expressão “maktub”, que encerra um mundo onde tudo já estaria pré-determinado. É a história de amor entre o professor Abdala e a misteriosa Yto.

A reflexão sobre esse belíssimo filme pode ser complementada pela leitura de Edward Said, particularmente sua tese sobre o “orientalismo”. Ao longo do filme todo, lembrei-me, o tempo todo, desse importantíssimo intelectual palestino. Ele estava naquela sala de cinema, em forma de desafio intelectual.

Said morreu de leucemia em 2003 após doze anos de luta contra a medonha doença. Viveu desassossegado com uma identidade palestina que teimava em formatar. Edward Said foi também um dos mais importantes críticos literários do século XX. Said nasceu em Jerusalém, em 1935, cidade sagrada pelas religiões, profanada pela política, ultrajada pela ganância, símbolo da vastidão e da exiguidade humanas. Said viveu em ambiente pietista anglicano, comprovando que casamentos e adultérios de Henrique VIII propiciaram doutrina que cativou até radicais levantinos.

Said foi criado no Cairo e valendo-se da nacionalidade secundária norte-americana do pai viveu em Boston e estudou em Harvard e em outras universidades norte-americanas. A partir de 1963, lecionou em Nova Iorque, ambiente cosmopolita que o albergou e que presenciou sua morte. Said sentia-se um errante. Como todas as crianças, inventou e criou seus pais, família, história. A riqueza do pai comerciante propiciou educação primorosa, elegante. Said militou na Organização Pró-Libertação da Palestina, da qual se afastou em oposição a Arafat, decepcionado que ficara com a corrupção das elites árabes.

Crítico da cultura, Said concebeu o oriente como invenção funcional do ocidente. Esse último caricaturou aquele primeiro, opondo progresso e atraso, civilização e barbárie. Romantizado em túnicas, camelos e sabres e sistemáticas orações prostradas para a cidade do Profeta, o oriente protagoniza estereótipos que justificam carnificinas, como recentemente vê-se em Bagdá.

É este o grande mote de seu mais importante livro, *Orientalismo*, publicado em 1978, e que foi traduzido em várias línguas. A tese consistia na concepção do oriente como uma invenção do ocidente, premissa empiricamente comprovada em farta pesquisa bibliográfica. Trata-se de um livro apaixonante.

Edward Said foi também um ativista de causas nobres e apontou para os enigmas da globalização perversa. Denunciou esse palco sangrento no qual os descontentes com a paz matam em nome de verdades messiânicas, tradutoras da ganância e da miserabilidade de uma existência centrada na burrice destruidora de espaços pluralistas e compreensivos. São esses poderosos que manipulam a cultura, criando uma falsa ética a partir de uma duvidosa estética, dimensionando a gangrena moral de nosso tempo.

Depois da obra de Said, nossa concepção do outro nunca mais foi a mesma. O outro é uma invenção nossa e, portanto, é um pouco de nós mesmos. Na teoria da cultura, que também transita nos valores do justo e do direito, a concepção de Said é comprovada pelas figuras imaginárias que frequentam ambientes que não conhecemos.

Quando Said morreu, ouviu-se um estranho ruído. É que os anjos choraram, enquanto os ainda perversos comemoravam um mundo cada dia mais vazio de idealistas e de humanistas. Edward Said foi um humanista, porque acreditava em valores permanentes entre os seres humanos. E também foi um

idealista, porque acreditava que o combate em frentes culturais substituiu a irracionalidade das guerras e a perversidade da exploração humana.

O filme *Primavera em Casablanca* também é um primor da estética humanista, no sentido que retrata a experiência humana como errática, desesperadora e substancialmente incompreensível. É um libelo contra as certezas dos dogmas e dos conformados. À bela imagem preta e branca de Casablanca, que Hollywood inventou como propaganda de guerra, o diretor Nabil Ayouch contrapôs uma efígie colorida, que espelha um mundo irracional, dominado pelos dogmas, pela intolerância e pelos desencontros.

Date Created

22/07/2018